

PATRIMÔNIOS LUSO-BRASILEIROS

Está em curso, no Brasil e em Portugal, uma grande campanha financeira em favor do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.

Para o êxito dessa campanha tem sido valioso o apoio dado pela Fundação Roberto Marinho e pela TV Globo, a primeira preparando os elementos e a segunda divulgando em todo o Brasil a imagem e o acervo arquitetônico e bibliográfico da Instituição.

Por oportuno, deve-se esclarecer que este movimento tem por objetivo dotar o Real Gabinete de novos equipamentos e espaços que lhe permitam enfrentar os desafios do futuro: a informatização de uma biblioteca que possui para cima de 300.000 volumes; a instalação de um laboratório de restauro e de conservação de livros; a aquisição de produtos informáticos para um centro de multimídia relacionado com a cultura portuguesa e com a cultura brasileira; e, finalmente, a implantação de um sistema de ensino à distância, projeto que está a ser desenvolvido conjuntamente com o Liceu Literário Português e a Caixa de Socorros D. Pedro V.

Duas grandes instituições — a Fundação Calouste Gulbenkian e o Banco Itaú — já concederam recentemente dois importantes subsídios para atender, em parte, àqueles projetos. Da mesma forma, o governo português, algumas instituições luso-brasileiras e os associados do Real Gabinete também têm vindo a dar a sua colaboração. Mas, naturalmente, esses recursos ainda são insuficientes para viabilizar o programa de trabalho de uma entidade que não é contemplada por verbas do orçamento da República, nem possui grandes rendimentos do patrimônio, e que, no entanto, há mais de um século, mantém a sua biblioteca aberta diariamente ao público; oferece cursos gratuitos de pós-graduação, através do seu "centro de estudos"; edita uma revista semestral — a *Convergência Lusíada*, que é distribuída por centenas de universidades; organiza exposições bibliográficas, concertos, etc., tudo isso com a finalidade de

irradiar a cultura e reunir brasileiros e portugueses em torno de valores comuns.

Se consultarmos a história do Real Gabinete, desde a sua fundação em 1837, verificaremos que o acervo admirável que possui — livros raros, conjunto arquitetônico, mobiliário, numismática, etc. — foi resultado da oblação feita pelos portugueses do Brasil e por muitos brasileiros devotados a Portugal. Eduardo de Lemos, Ramalho Ortigão, João do Rio, Albino de Sousa Cruz, Carlos Malheiros Dias, Gago Coutinho, Conde Dias Garcia, Sousa Baptista, Garcia Saraiva são nomes que, ao lado de tantos outros, formam uma galeria admirável de grandes beneméritos da instituição, uns pela ajuda material que deram, outros pelas contribuições bibliográficas que deixaram.

Um segundo aspecto que merece ser salientado é que os portugueses do Brasil fizeram sempre questão de serem eles a manter o Real Gabinete. Quem frequenta a biblioteca, quem participa dos cursos, quem se serve dos equipamentos, é, na maioria dos casos, a juventude brasileira, são os estudantes das universidades, são os intelectuais e pesquisadores da Literatura e da História. Mas como prova de gratidão ao país que os acolheu, os sócios do Real Gabinete assumiram a obrigação de oferecer ao Brasil um templo de cultura e de conhecimento como não existe outro igual em nenhuma parte do mundo.

Acontece que depois da década de 60 a emigração portuguesa praticamente cessou. E, em decorrência desse fenômeno, as instituições de origem lusitana no Brasil passaram por um processo de mudança, sendo cada vez maior o número de brasileiros integrados nos seus quadros associativos.

É a passagem do testemunho que, no caso do Real Gabinete, do Liceu Literário Português, da Caixa de Socorros D. Pedro V e da Obra Portuguesa de Assistência, pretende-se fazer dentro de uma nova configuração jurídica, de forma a que todas essas instituições permaneçam, para sempre, comprometidas com a doação permanente ao Brasil e a Portugal.

Esta campanha a favor do Real Gabinete não deixa de ser o primeiro passo para a mudança. Na medida em que transformamos um santuário de livros num foco irradiador da Cultura estaremos mais próximos daquilo que as gerações futuras esperam receber de nós.

A. Gomes da Costa